

A ARTE COMO UM NEGÓCIO: UM NICHOS ENCENADO POR ARTISTAS AO REDOR DO MUNDO

*Marçal Siqueira Júnior
Marcio Pascoal Cassandre
Elisângela Palognan Vieira
Bruna Aylon*

RESUMO

Ao olharmos o ser humano em todas as suas facetas e esferas, é possível perceber que sua vida é influenciada pela arte. A arte revigora, ensina, possibilita e contribui como um todo para o desenvolvimento das pessoas. O tema escolhido provém de uma busca incessante da classe artística por um espaço destinado a arte dentro das organizações, do mundo dos negócios e em rodas de debate e pesquisa científica. Para o alcance do objetivo proposto, o estudo foi desenvolvido com uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória. Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre a arte como expressão cultural (a arte e o artista), o mercado da arte e a indústria cultural, de forma a compreender como essa temática na área da Administração tem sido tratada no meio acadêmico por meio de um panorama geral. A revisão bibliográfica abordou temas relevantes para a construção da pesquisa para que, posteriormente, seja possível a correlação com os dados coletados. Identificou-se que a arte exerce grande influência no dia a dia das pessoas, dentro e fora das organizações. Suas contribuições permeiam toda a fase de desenvolvimento do ser humano. Habilidades e competências são afloradas, onde o indivíduo encontra novas formas de pensar, diferentes soluções para um mesmo problema, além de tornar-se mais flexível, dinâmico, criativo e questionador.

Palavras-chave: Arte e negócio. Arte e criatividade. Arte e aprendizagem.

INTRODUÇÃO

De forma geral, é possível perceber que muitos indivíduos usufruem de maneira inconsciente, e em alguns casos não se dão conta da importância que ela exerce no cotidiano das pessoas. Para Aristóteles, a arte imita a vida. Já para Oscar Wilde, a vida imita mais a arte do que a arte imita a vida. O que extrair disso no objetivo de identificar qual o papel que a arte desempenha nos nossos dias? A verdade é que a arte está tão atrelada à vida, que se torna totalmente difícil separá-la ou fragmentá-la. A arte é para todas e todos. Suas contribuições não se restringem somente ao mundo artístico ou a quem se dedica profissionalmente a determinado segmento da arte. Pereira et al (1981) afirmam que o exercício da arte resulta num conjunto de habilidades para o ser humano, aumentando assim suas capacidades de observar, sentir, analisar, selecionar, associar e criar. Além disso, outras qualidades são afluídas, como: fluência, flexibilidade e originalidade, além de incitar o pensamento crítico e inúmeras formas de solucionar um mesmo problema, proporcionando uma facilidade em expressar-se em mais de uma linguagem.

Para além dos sentimentos, sensações e emoções oferecidos pela arte, não se pode olvidar da arte como um negócio. Desde os espetáculos mais sofisticados da *Broadway*, uma exposição artística no *Louvre*, até o artista de semáforo, há uma organização envolvida para que um conteúdo artístico seja oferecido aos apreciadores de um tipo de arte. Estrutura física, logística, processos, recursos financeiros e recursos humanos são preponderantes para o funcionamento de qualquer tipo de arte. Um dos recursos mais importantes para a viabilização da arte são as pessoas. Além disso, pensando no conceito de organização, de acordo com Meireles (2003, p. 46), “a organização é um artefato que pode ser abordado como um conjunto articulado de pessoas, métodos e recursos materiais, projetado para um dado fim e balizado por um conjunto de imperativos determinantes.” Em outras palavras, é um conjunto de recursos que somados, permitem o alcance de determinado objetivo. Neste sentido, entendemos por organização não só as grandes corporações, empresas lucrativas e multinacionais famosas, mas sim qualquer tipo de organização coletiva, desde as grandes empresas até os coletivos organizados, movimentos sociais, ONGS e outros formatos que este termo possa abranger.

Assim, estabelece-se o seguinte problema de pesquisa: Como a arte beneficia as organizações? Nesse contexto, o objetivo geral é compreender como artistas compreendem a importância da arte para as organizações. Em outras palavras, o olhar artístico destas pessoas (que acreditam e vivem a verdade artística) para as organizações pode contribuir para que a arte seja enxergada também para o desenvolvimento das atividades corporativas, relacionamentos, progresso intelectual dos indivíduos, além da possibilidade de ser utilizada como um recurso de gestão. O contrário disto também pode ser refletido por este trabalho, haja vista que artistas podem não relacionar a importância da arte para as organizações. Pensando nos objetivos específicos, elaborou-se três: i) Entender se os artistas compreendem a existência de correspondência da arte com as organizações; ii) Elencar quais são as contribuições da arte para as organizações e iii) Analisar como as práticas artísticas colaboram para o desenvolvimento de competências individuais e coletivas das pessoas nas organizações. A justificativa encontrada para a realização deste estudo deve-se ao fato de que a arte está tão presente no dia a dia das pessoas que entender a sua influência, sua relação, e como ela contribui em inúmeros fatores na vida dos seres humanos é essencialmente importante para que a arte seja cada vez mais valorizada, compreendida e disseminada.

Para a compreensão do significado da arte (com foco organizacional) realizou-se uma revisão de literatura sobre a arte e o artista, o mercado da arte e a indústria cultural, de forma a compreender como essa temática tem sido compreendida na Administração e, conseqüentemente, no meio acadêmico por meio de uma visão genérica. Os artigos relevantes

foram selecionados e compõem então o embasamento teórico desse estudo, no objetivo de trazer luz sobre a arte e sua importância na vida dos indivíduos fora e, principalmente, dentro das organizações. A pesquisa será classificada como qualitativa do tipo exploratória, utilizando-se de uma coleta extensa sobre o assunto no intuito de alcançar resultados relevantes. As entrevistas serão semiestruturadas e realizadas online contribuindo com a investigação com os profissionais do meio. A metodologia desse artigo classifica-se como teórico-empírico, ou seja, utilizou-se de uma base teórica consistente, para que, posteriormente, atrelada a uma pesquisa de campo, seja possível relacionar conceitos trazidos na revisão bibliográfica com situações reais e experiências vividas na prática.

Sendo assim, este artigo está dividido em três partes além desta introdução. O primeiro tópico traz a metodologia empregada para revisão sistemática da literatura. O segundo tópico refere-se à revisão teórica que trata da arte num aspecto mais abrangente e, a medida que os conceitos são desenvolvidos, novas ideias são trazidas, abrindo um leque para enxergar a arte, o artista, o mercado da arte, a arte e a criatividade, a arte e as organizações, a arte e sua relação com o processo decisório a arte no desenvolvimento de habilidades e a arte e a aprendizagem. Por fim, a terceira parte contém as considerações parciais deste trabalho.

1 METODOLOGIA

Para realização deste estudo foi conduzida uma revisão bibliográfica sobre a arte como expressão cultural (a arte e o artista), o mercado da arte e a indústria cultural, de forma a compreender como essa temática na área da Administração tem sido tratada no meio acadêmico por meio de um panorama geral. O estudo foi dividido em 3 etapas de pesquisa teórica, seguindo-se nas duas primeiras o critério: artigos publicados entre 1980 a 2019 nos idiomas: português, inglês e espanhol. As palavras-chave utilizadas de maneira combinada para o levantamento teórico foram: “arte e administração”; “arte e negócio”; “indústria cultural” e “mercado da arte”, devido à falta de nomenclatura correta da atividade. A primeira busca foi na plataforma da CAPES por meio da ferramenta de base de dados. Nesta, as bases SciELO e Scopus foram selecionadas e passaram pelo processo de pesquisa, que seguiram os critérios estabelecidos. A consulta à estas bases ocorreu no período compreendido aos dias 21/03/2019 a 18/06/2019. Em um segundo momento, entre os dias 11/06/2019 a 18/06/2019, pesquisou-se nas mesmas plataformas de periódicos, desta vez utilizando a ferramenta assunto e as palavras chaves mencionadas, resultando em mais artigos encontrados seguindo os critérios anteriormente mencionados, conforme representado no tabela abaixo:

Tabela 1 – Balanço do Número de Periódicos Encontrados

Palavra-chave	Número de periódicos
Arte e administração	729
Arte e negócio	760
Indústria cultural	7.003
Mercado da arte	3.117

Fonte: Autor, 2019.

Na sequência, uma outra plataforma foi consultada no intuito de proporcionar maior levantamento de material para a composição da revisão teórica. Ao acessar o Google Acadêmico, no dia 18/06/2019, as mesmas palavras-chave foram utilizadas, segmentando a pesquisa para periódicos publicados entre 1980 a 2019 em diferentes idiomas (não foi possível selecionar idiomas específicos).

Após essa pesquisa 2 artigos foram encontrados e armazenados em base de dados pessoal para uma leitura prévia. Foram selecionados artigos publicados entre os anos 1980 a 2019 que tivessem qualquer relação com o assunto arte, arte e administração, indústria cultural e mercado da arte. Entretanto, esses dois artigos não englobam com especificidade e totalidade o tema proposto desse trabalho. Um deles propõe uma análise sobre o aquecimento do mercado da arte contemporânea nas últimas décadas no Brasil. O segundo trás a concepção da autonomia da arte e mercado. Um outro trabalho, que também contribuiu por meio de suas referências, é um artigo voltado para uma visão dentro da organização, abordando a possibilidade da inclusão da arte cênica como ferramenta para a aprendizagem organizacional.

Na sequência, configurando a terceira etapa da pesquisa teórica, buscou-se também por livros físicos (optando pelos mais atuais, quando possível) disponibilizados por duas bibliotecas locais, onde buscou-se por materiais que abordassem aspectos mais gerais em relação a arte, ao artista, às expressões culturais, a economia criativa e à arte no processo de educação, trazendo essa perspectiva mais ampla, no objetivo de entender qual papel desempenhado pela arte na vida das pessoas, bem como suas contribuições e possibilidades.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A ARTE

Apesar de sua antiguidade, a arte e seus preceitos se perpetuam até os dias atuais, rodeada de indivíduos, práticas e obras que a caracterizam. Para Gombrich (2015), não há conhecimento a respeito do início exato da linguagem. A arte está relacionada a um conjunto de atividades, pensando sempre em seus multissignificados e as diferentes expressões artísticas existentes no mundo atual. Segundo o autor, é importante entender que sua construção se deu por meio de povos pré-históricos, em que homens apanhavam um pouco de terra colorida e modelavam formas de um bisão¹ em paredes de cavernas. Battistoni Filho (1995) afirma que a arte provém do período mais antigo da Pré-história, chamado Paleolítico, marcado também pelo surgimento do Homo Sapiens. A partir daí, para o autor, mostrou-se as primeiras manifestações artísticas através de imagens rabiscadas nas paredes das cavernas ilustrando cenas de caça.

Hoje, conhecemos uma arte ressignificada, entretanto, seu surgimento primitivo não é inferior, uma vez que o “primitivos” estavam mais próximos de um momento de manifestação da humanidade. De acordo com Pereira et al (1981), o exercício da arte trás um conjunto de habilidades para o ser humano, de forma a ampliar suas capacidades de observar, sentir, analisar, selecionar, associar e criar. Outras qualidades também são adquiridas, tais como: fluência, flexibilidade e originalidade, além de estimular o pensamento crítico. Para o autor, a arte ainda permite que o indivíduo busque diferentes caminhos para solucionar problemas, adquirindo a facilidade de expressar-se em mais de uma linguagem. Ainda, segundo Pereira et al (1981), o exercício da arte é uma ferramenta ideal para o treinamento do ser humano, em que fases temporalmente definidas se misturam (criança, adolescente e adulto) por ainda estarem presentes dentro de nós. Nada no âmbito artístico é ou está predeterminado. Na verdade, há um caminho aberto, não traçado por códigos engessados, mas com possibilidade de descobertas, explorações e liberdade de pensamento.

¹ O bisão é maior mamífero terrestre da América do Norte e da Europa. É parente próximo do búfalo e do gado bovino.

Uma outra linha de pensamento proposta por Fischer (1987), conectando-se com o que já tem sido dito, aborda a necessidade da arte no cotidiano dos indivíduos. Ocorre que, não basta dizer que a arte atende somente a passatempos, a distração, a entretenimento e a momentos de relaxamento. Para o autor, há diversas perguntas consecutivas que expressam todo esse pensamento na tentativa de encontrar razões pelas quais as pessoas recorrem a arte:

Por que distrai, diverte e relaxa o mergulhar nos problemas dos outros e na vida dos outros, ou identificar-se com uma pintura ou música, ou identificar-se com os tipos de um romance, de uma peça ou de um filme? Por que reagimos em face dessas “irrealidades” como se elas fossem a realidade intensificada? Que estranho, misterioso divertimento é esse? (...) Por que nossa própria existência não nos basta? Por que esse desejo de completar a nossa vida incompleta através de outras figuras e outras formas? Por que, da penumbra do auditório, fixamos nosso olhar admirado em um palco iluminado, onde acontece algo que é fictício e que tão completamente absorve a nossa atenção? (FISCHER, 1987, p. 12).

O indivíduo só é um ser completo quando consegue conciliar corpo, mente e espírito, quando está inteiro nas atividades que desempenha, quando tem a oportunidade de desenvolver as capacidades e qualidades essencialmente humanas, como a criatividade, a emoção, o senso crítico (COURTNEY, 2010; DEWEY, 1971).

Define-se que, ainda para Fischer (1987), o homem está na constante busca de sua totalidade, isto é, não há contentamento em ser um indivíduo isolado sem a tentativa de alcançar a plenitude. A arte auxilia nesse processo de forma a proporcionar ao indivíduo essa identificação com o irreal, tornando-se um meio indispensável para essa união proposta entre o indivíduo e o todo. Para o autor, isto reflete na incessante capacidade humana para associar e circular experiências e ideias. O autor (FISCHER, 1987) ainda contribui com a origem da arte e seus moldes primitivos, ou seja, para ele, a arte é quase tão antiga quanto o próprio homem, sendo considerada como uma forma de trabalho que, conseqüentemente, é uma atividade inerente ao homem.

O fato é que não há como pensar na arte e em seu surgimento primitivo como uma produção individual. O coletivo sempre foi um fator preponderante para os membros da sociedade, a ponto de significar morte em casos no qual o indivíduo era excluído de determinado grupo social ou tribo. Nesse aspecto, segundo o autor, é pertinente compreender que a vida se constituía do coletivismo, da relação entre seres humanos e do sentimento de pertencimento. A arte e suas mais variadas formas, era uma atividade social *par excelente* (advérbio francês para expressar totalidade), habitual a todos, elevando o ser humano acima da natureza e do mundo animal. Mesmo com o fim da era primitiva e de sua substituição por um modelo societário dividido em classes, a arte não perdeu sua conotação coletiva, conforme Fischer (1987).

De acordo com Battistoni Filho (1995), a arte também pode ser considerada como uma libertação da personalidade. Pensando que os sentimentos tendem a ser reprimidos e estão sujeitos a um bloqueio, para o autor, ao observar uma obra de arte, o sentimento de liberdade é imediatamente aflorado, de modo a gerar empatia e uma identificação com o que está sendo visto. A partir daí os indivíduos passam a ter estímulos emocionais, uma vez que engloba um processo natural de associação e reconhecimento. Ao analisar uma obra de arte, é necessário levar em consideração os fatores que a estabelecem, tais como, segundo o autor: “o pensamento, a imaginação, o sentimento, as circunstâncias da época, de lugar de ambiente em que nasceu.” (BATTISTONI FILHO, 1995).

Warnke (2001) aborda uma definição importante à respeito da arte e suas diferentes formas de abordagem:

Chamava-se livre (*liberalis*), a “arte” (*ars*) que fosse digna de um homem livre, portanto, a que não fosse exercida por meio do trabalho físico nem em vista de uma

remuneração; a que fosse exercida por prazer desinteressado. Pois essa *ars* origina-se de uma “virtude”, de uma *virtus*, que se exprime num dom inconfundível, no *ingenium*. Essa virtude é um presente de Deus ou da natureza.(...) (WARNKE, 2001, p. 23).

Para além da arte, encontra-se quem a exerce. Sendo assim, no tópico seguinte, serão abordados conceitos que englobam o/a artista, bem como algumas de suas características e a forma como é visto de acordo com a literatura proposta.

2.2 O ARTISTA

Quando trata-se de arte, é impossível não abordar sobre quem a executa. O sujeito que de forma consciente ou inconsciente materializa o abstrato e dá vida à diferentes formas e expressões artísticas. Fischer (1987) também contribui no que concerne as características necessárias, bem como habilidades e competências em que o artista está sujeito. Deve-se levar em consideração que a emoção não é tudo para um artista, isto é, faz parte dessa “personagem” conhecer técnicas, regras, recursos, formas e outros fatores que a embasem, trazendo para a arte um vislumbre sério e organizado.

Conforme Warnke (2001), o artista é um ser criador. Todo o conhecimento intuitivo, assim como a sabedoria, não é adquirido por meio de conceitos teóricos e mandamentos. Na verdade, para o autor, tudo isso emerge de forma espontânea, correspondente a determinado momento temporal ou estado de evolução. Além disso, é importante ressaltar o papel da arte e do artista e a relação com o mercado, tratados no sub tópico à seguir.

2.3 A AUTONOMIA DA ARTE E O MERCADO

O texto “A Autonomia da Arte e o Mercado” (2004) de Luiz Costa Lima aborda a questão da autonomia da arte fundada teoricamente pela crítica da faculdade de julgar (1790) de Kant. Essa linha de pensamento afirma, por meio de um olhar sociológico, que o objeto artístico independia de qualquer instituição, ou seja, não se formatava ao contexto no qual estava inserida (religião, política, entre outros). A arte por si só é autônoma e esse processo provém do Renascimento italiano e está diretamente ligada a separação gradual da aristocracia, o surgimento de uma burguesia enriquecida e o desenvolvimento do mercado. A partir daí o artista não necessita mais trabalhar para um patrono específico, nem reproduzir técnicas reconhecidas e já exploradas. A arte deixa de assumir um papel institucionalizado e passa a constituir um universo livre, podendo expor situações cotidianas e não somente orientado a uma perspectiva sacra ou ostentatória. É importante ressaltar que a arte passava a ser um nicho reservado e mitificado pela burguesia dominante, nem sempre acessível as demais classes inferiores. Segundo o autor, o mercado não favorecia a circulação efetiva da arte, pensando nesse desacordo existente na relação entre o mercado e arte. Por fim, Lima afirma concordar com o caráter paradoxal da autonomia da arte, ou seja, apesar de liberta, é submetida a “escravidão do mercado” (LIMA, 2004).

2.4 QUANTO VALE A ARTE CONTEMPORÂNEA?

O artigo “Quanto vale a arte contemporânea” escrito por Tatiana Sampaio Ferraz publicado em março de 2015 propõe uma análise a respeito do aquecimento do mercado da arte contemporânea nas últimas décadas no Brasil, pensando nas transformações dos negócios permeados pelo capital financeiro.

Ferraz (2015) afirma que os valores estéticos são transformados em valores econômicos, ou seja, formam-se redes de circulação de capital econômico e simbólico em torno de determinada produção artística. Nos anos 70, vale ressaltar o despertar do mercado da arte no Brasil, coincidentemente acompanhado pelo crescimento do capitalismo. Nesse contexto, o objeto artístico é visto como uma mercadoria e patrimônio cultural. Assim, estratégias são tomadas a fim de possibilitar essa exploração econômica da arte (leilões, feiras, galerias, entre outros). Para o sociólogo Moulin, o mercado da arte se divide em três segmentos: o “cromos” ou “quadros por dúzia”, ou seja, obras de caráter figurativo correspondentes aos gostos majoritário e próximas de bens de consumo não artísticos; a arte “antiga”, isto é, valores estéticos e financeiros estabilizados, nos quais as razões para flutuação encontram-se no âmbito da autenticidade e da expertise e; a arte “contemporânea”, caracterizado pelas incertezas em relação aos valores estéticos e financeiros. O crescimento do interesse dos indivíduos pela arte contemporânea foi mensurado por meio das vendas do mercado internacional, representado pelo relatório da *European Fine Art Foundation* (FERRAZ, 2015).

Como mencionado, o artigo se desenvolve abordando a arte em três esferas de exposição: leilões, feiras e galerias e como cada esfera têm se dinamizado nos últimos tempos. De acordo com a autora, a arte garante aos que investem nela um patrimônio duradouro, ou seja, algo que não será depreciado rapidamente. Assim, torna-se um bem rentável, de alta liquidez e que possibilita uma circulação pelo mercado (valor partilhado) de acordo com a lei da oferta e demanda. Ocorre que a fase de precificação, muitas vezes, passa por condições delicadas, onde o preço de determinada obra, por mais alto que seja, precisa que o mercado garanta possíveis compradores, no objetivo de facilitar as transações comerciais. “Quanto mais facilmente negociáveis se tornam os produtos, menos únicos e especiais eles são, o que significa dizer que menos eles proporcionam a base para a renda monopolista” (FERRAZ, 2015, p. 128).

Um outro aspecto discutido pela autora (FERRAZ, 2015) refere-se ao porquê o mercado da arte precisa ser financiado com dinheiro público, sendo que a mesma é considerada como um investimento rentável? Pensando nisso, existem outros mercados que não são capazes de autorregular-se, então, a arte entra como mais uma coadjuvante na luta por um mercado puramente autorregulador.

2.5 THE ART OF...

O artigo *The Art of...* (2008) de Daved Barry aborda conceitos essenciais para a compreensão da arte e suas aplicações. O autor (BARRY, 2008) inicia estabelecendo um comparativo entre arte antiga e arte contemporânea. Segundo Barry (2008), a palavra “arte”, apesar de muito utilizada em títulos de livros e manchetes, apenas desempenha uma função atrativa. Em grande parte, os trabalhos em questão não discutem a arte como uma tarefa desenvolvida por artistas profissionais. Ou seja, o chamariz encontrado no termo arte expressa uma ideia de competência, elegância, primor, além de belas composições e performances. É interessante pensar juntamente com o autor que a arte carrega esse peso de responsabilidade.

Barry (2008) aborda três elementos que permeiam os artistas contemporâneos no momento em que chamam algo de arte: o incomum, comovente e tensional. O elemento incomum concede a arte uma imagem forçada de distinção, isto é, se determinado trabalho não se aproxima de uma posição conhecida ou familiar, automaticamente, o mesmo é considerado

como estranho (e não apenas diferente). O segundo traz que a arte deve nos levar a um novo lugar, de forma a proporcionar novos pensamentos, novos sentimentos, novas sensações e assim por diante. O terceiro elemento afirma que a arte deve criar tensões sensíveis que desafiam os sentidos. Nesse caso, sentido adota uma posição de compreensão, de acordo com o artigo.

O texto expressa uma importante contribuição da arte com a aprendizagem organizacional. O autor (BARRY, 2008) cita que empresas como a Siemens e a Unilever investiram em artes como sustentação no processo de formação dos colaboradores. Dessa forma, compreendia-se que a pintura, o canto, a poesia e as aulas de teatro contribuíssem com novas maneiras de pensar, formas mais criativas para desenvolver novos produtos, permitindo e incentivando os funcionários a pensarem em soluções fora do habitual. É importante ressaltar o grande papel que a arte tem desempenhado no mundo dos negócios. Ao longo do texto, o autor (BARRY, 2008) cita diferentes situações onde a arte tem sido valorizada de uma maneira geral através da música, do teatro, da poesia. Tudo pensando em ativar um gatilho criativo nos indivíduos e utilizar isso em prol da organização. Barry (2008) afirma que as empresas estão contratando cada vez mais artistas para funções estratégicas como gestão de recursos humanos, marketing, relações públicas, administração em geral, e não somente para consultores. Ainda corrobora evidenciando, de acordo com a *Harvard Business Review* que o MFA (*Master of Fine Arts*: refere-se a uma certificação de pós-graduação – *lato sensu* - que engloba artes plásticas, artes visuais, escrita criativa, *design* gráfico, dança, teatro, música, fotografia, cinema, entre outras expressões artísticas) é o novo MBA (*Master of Business Administration*), provando que “um diploma de artes é talvez a credencial mais quente no mundo dos negócios” (BARRY, 2008, p. 4) Essas pessoas não admitidas para produzir obras artísticas, mas no objetivo de trazer novas linguagens e maneiras diferentes para realizar funções cotidianas e familiares.

2.6 PROCESSOS CRIATIVOS SOB O HOLOFOTE DA GESTÃO

O artigo “Gestão-criação: processos indissociáveis nas práticas de um teatro baiano” (2012) escrito pelos autores Eduardo Davel e Luiz Gustavo Libório Vianna, ambos da Universidade Federal da Bahia, aborda inicialmente a questão da criatividade e como a mesma tem sido vista no mundo empresarial. Nesse momento, caminha-se para uma visão voltada à organização e como a arte se encontra nesse cenário.

Antes, esse conceito se restringia ao universo das artes e à figura do artista. Hoje, o assunto é tratado em grandes revistas científicas, ganhando cada vez mais visibilidade e credibilidade no âmbito corporativo, além de ser utilizado por gurus da administração. Quando se pensa em definição concreta, encontramos alguns paradigmas que afirmam que a criatividade é vista como uma dinâmica imprevisível, caminhando na contramão de uma concepção científica, tradicional e conservadora já existente na administração. A tendência então, de acordo com o artigo, é definir criatividade “como a geração ou produção de ideias que são ao mesmo tempo novas e úteis” (DAVEL; VIANNA, 2012, p. 1083). Existe uma grande relação com novidade e com a possibilidade de se gerar valor para a organização.

2.7 A ARTE NO PROCESSO DECISÓRIO

O artigo “Improvisação e Competências Comportamentais em Processo Decisório: Uma Proposta Pedagógica Baseada no Teatro de Improviso” (2014) escrito por José Luís Felício Carvalho e Marina Dias de Faria corrobora com esse estudo, abordando o envolvimento da arte

no processo decisório, isto é, como a criatividade e o improviso contribuem na tomada de decisão. O procedimento metodológico da pesquisa deu-se através do acompanhamento de estudantes universitários de Administração em dinâmicas de improvisação teatral e alguns dos resultados serão apresentados nesse tópico.

Ocorre que, de acordo com os autores (CARVALHO; FARIA, 2014), o bom desempenho de processo decisório permeia pela racionalidade, intuição e experiência. Assim, pensando nesse estímulo, propôs-se jogos de improvisação, afinal, acredita-se ainda que a criatividade pode auxiliar no ganho de competências comportamentais ou sócio afetivas. Como o próprio nome já sugere, a improvisação caminha por soluções decisões rápidas para problemas ou enigmas recém conhecidos. Acredita-se que esse exercício é importante para manter a mente aberta para criar soluções para situações trazidas pela vida, além da capacidade de se reinventar como forma de reação a determinada ação. Além disso, o convívio em grupo pode ajudar no alcance de uma resposta, onde a alternativa não se limita somente a uma mente pensante, mas um coletivo que possibilita chegar ao objetivo comum de maneira mais eficiente (CARVALHO; FARIA, 2014).

2.8 A ARTE E SEU PROTAGONISMO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS

No artigo “Aprendizagem e Competências por meio das Artes: Atividade Profissional e Vivência Artística em Diálogo” de Leonardo Flach et al. publicado em 2013 tem como objetivo analisar a percepção de indivíduos que atuam como artistas e que por ventura possuam outra profissão, a respeito da aprendizagem e do desenvolvimento de competências por intermédio da arte. O que será apresentado a seguir relaciona-se com o que foi anteriormente citado sobre como a arte pode contribuir com os processos organizacionais, bem como a criatividade e o alcance de novas habilidades.

É evidente que as relações de trabalho têm passado por constantes mudanças, conduzindo os indivíduos a um ambiente flexível, dinâmico e descomplicado. Aos poucos, então, a arte deixa seu papel de coadjuvante e passa a assumir um protagonismo sadio, permitindo o desenvolvimento de competências, afinal, segundo os autores (FLACH ET AL.; 2013), “a arte é a atividade que trabalha com a criação de sensações ou estados de espírito de caráter estético carregados de vivência pessoal e profunda. É a capacidade criadora do artista de expressar ou transmitir tais sensações ou sentimentos”. A aprendizagem por meio das artes não só contribui com o crescimento técnico-artístico, mas também em outras áreas de atuação. Novas possibilidades são descobertas, novos métodos, habilidades são aprimoradas, soluções são aperfeiçoadas, de acordo com o estudo realizado com 20 pessoas envolvidas com cursos e oficinas oferecidos em um Festival de Arte de Porto Alegre. O estudo ainda evidencia que a arte não é limitada a uma caixa fechada, isto é, suas aplicações podem ocorrer em diferentes áreas, além da construção de cenários favoráveis e que proporcionam benefícios aos envolvidos (FLACH ET AL., 2013).

A arte amplia os horizontes e fornece aos indivíduos um ganho cultural considerável. Como mencionado, a vasta contribuição artística não cabe somente aos envolvidos no mundo das artes, ou seja, há uma aprendizagem incremental que podem ser consideradas como diferenciais competitivos. A arte, com sua “desordem”, vem para descomplicar e estimular as pessoas a buscarem pensar em diferentes soluções para um mesmo problema, ampliando a visão, a cultura e o conhecimento. Observou-se que entre os participantes da pesquisa do artigo “Aprendizagem e Competências por meio das Artes: Atividade Profissional e Vivência Artística em Diálogo” de Leonardo Flach et al., o processo de aprendizagem individual ou

coletivo é mediado através do contato com as artes. E esse processo de aprendizagem, resulta no desenvolvimento de competências. A mais citada pelos entrevistados foi o relacionamento interpessoal, isto é, interação com pessoas, trabalho em equipe, flexibilidade nas relações e na convivência em grupo (FLACH ET AL., 2013).

Um dos principais aspectos do estudo apresentado no artigo é verificar se as artes estimulam principalmente as competências categorizadas como voláteis, ou melhor, as que são enxergadas pela literatura como um diferencial dos indivíduos dentro das empresas, apesar da dificuldade de mensuração. Para os autores (FLACH ET AL., 2013, p. 132) “as competências voláteis se tornam elementos fundamentais para o bom desempenho dos trabalhadores contemporâneos frente às constantes mudanças e exigências impostas pelo mercado.”

Em se tratando de competências voláteis, é possível compreendê-las por meio de quatro eixos: criatividade, percepção e consciência, improvisação e disponibilidade. De acordo com Flach et al. (2013) e sua pesquisa exploratória, a criatividade está diretamente relacionada ao fazer artístico e muitas vezes fica à mercê de um senso comum no qual é praticada somente por artistas. A questão é que as artes podem influenciar na criatividade ou não. Cabe ao indivíduo portar-se de maneira adequada, pensando em inovar, progredir, levando também em consideração o ambiente no qual está inserido. Vale ressaltar a predominância nas respostas da pesquisa em relação ao avanço intelectual significativo dado por meio da coletividade e do contato direto com pessoas. O ambiente assume uma responsabilidade de motivar e incentivar o indivíduo a essa criatividade.

Ademais, no tocante à percepção e consciência, os entrevistados compreenderam que se trata da capacidade de pensar de forma distinta e a sensibilidade para lidar com tais diferenças. Envolve também a habilidade de compreender pessoas e conseqüentemente, melhorar o relacionamento entre elas. No artigo de Flach et al. (2013), um dos entrevistados afirma que a sensibilidade artística é indispensável para que a sensibilidade no trato com o ser humano seja efetiva. Pensando em improvisação, este foi o eixo menos citado pelos participantes. Nesse caso, tomou-se para si a ideia de adaptabilidade, ou seja, a capacidade de lidar com situações não previstas, também chamado pela entrevistada de “jogo de cintura”. No que diz respeito a disponibilidade, pode-se afirmar que seu conceito abrange a aptidão em doar-se, experimentar, possibilitando assim um ato de mudança. A leveza trazida pela arte faz com que as pessoas se tornem mais participativas e abertas à novas propostas.

Por fim, os autores (FLACH ET AL., 2013) evidenciam como o conhecimento artístico contribui para o desenvolvimento do homem de inúmeras formas, principalmente as competências voláteis. É importante salientar também que o ambiente influencia muito no desempenho do indivíduo – quanto mais controlador e inflexível for o ambiente, menos o ser humano tende a ser criativo -. O contexto ambiental faz toda a diferença na potencialização desses atributos, mas que, apesar disso, não significa que o processo ocorrerá de maneira uniforme, afinal, o tempo, os meios criativos e a aprendizagem individual podem (e devem) variar.

3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS E PROPOSTAS

O objetivo desse estudo foi buscar na literatura de que maneira a arte contribui no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, dentro das organizações, através de um levantamento de habilidades e competências proporcionados pela prática artística. Assim, é possível evidenciar aos gestores das empresas como a arte pode trazer benefícios e desenvolver os colaboradores para que atinjam as metas e objetivos propostos pelas organizações. O objetivo

foi alcançado e o estudo direciona-se para a coleta de dados com artistas, a fim de entender como enxergam as contribuições trazidas pela arte às pessoas.

Como mencionado em toda a revisão teórica, a arte desempenha um papel fundamental na vida dos seres humanos. Suas contribuições não se limitam somente a habilidades técnicas da área, mas auxiliam nos relacionamentos, no cotidiano das empresas, na tomada de decisão, na busca por soluções eficientes, na aprendizagem, na criatividade, no desenvolvimento de competências, e assim por diante. É importante ressaltar que a arte pode estar presente dentro das organizações, de forma a contribuir e gerar benefícios, mesmo que ainda não seja algo tão comum, afinal, se a arte contribui tanto com a vida das pessoas, por que não cooperar para o bom desempenho de atividades corporativas? Os indivíduos, quando desenvolvidos, podem auxiliar ainda mais as empresas na busca por sucesso – é nisso que a arte pode contribuir: desenvolvendo pessoas para dentro e fora do ambiente empresarial -. Dessa forma, é possível enxergar que a arte não se limita, mas que, para além disto, leva os indivíduos a buscarem novas formas de pensar, novas possibilidades, potencializando o crescimento intelectual e o desenvolvimento de habilidades que se perpetuam ao longo da vida.

Assim, como continuidade desse estudo, questionários semiestruturados *online* com perguntas abertas serão aplicados com artistas (bailarinos, dançarinos, produtores culturais, diretores de escolas de artes, profissionais reconhecidos, entre outros) de diferentes cidades e segmentos, no objetivo de levantar argumentos e identificar benefícios possibilitados pela arte às organizações.

REFERÊNCIAS

MEIRELES, Manuel. **Teorias da administração: clássicas e modernas**. São Paulo: Futura, 2003.

BARRY, D. (2008). The Art Of... In: Barry, D.; Hansen, H. *The SAGE Handbook of New Approaches in Management and Organization*. 31-41. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: Sage.

BATTISTONI FILHO, D. **Pequena História da Arte**. 6ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CARVALHO, J. L. F.; FARIA, M. D. Improvisação e Competências Comportamentais em Processo Decisório: Uma Proposta Pedagógica Baseada no Teatro de Improviso. Rio de Janeiro: **XXXVIII Encontro da ANPAD**, 2014.

COURTNEY, R. (2010). *Jogo, Teatro & Pensamento*. São Paulo: Perspectiva.

DAVEL, E.; VIANNA, L. G. L. Gestão-criação: processos indissociáveis nas práticas de um teatro baiano. Rio de Janeiro: **Rev. Adm. Pública**, 2012.

DEWEY, J. (1971). *Experiência e Educação*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional.

FERRAZ, T. S. Quanto Vale A Arte Contemporânea?. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 101, p. 117-132, março de 2015.

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. Tradução de Leandro Konder. 9ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

FLACH, L.; MEDEIROS, I. B. O.; FIGUEIREDO, M. D.; OLTRAMARI, A. P. Aprendizagem e Competências por meio das Artes: Atividade Profissional e Vivência Artística em Diálogo. Chapecó: **RACE – Ed. Especial ANPAD**, 2013.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. 16ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

LIMA, L. C. A autonomia da arte e o mercado. **ARS (São Paulo)**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 102-116, 2004.

PEREIRA, M. L. M. et al. **A Arte como Processo na Educação**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

WARNKE, M. **O Artista da Corte**: os antecedentes dos artistas modernos. 1ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.